

ALEMANHA PERDE E POLÔNIA GANHA COM RECENTE INICIATIVA ENERGÉTICA DA UE

Por Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A proibição da UE à importação de gás russo e a dependência do GNL dos EUA enfraquece as economias europeia e alemã, impulsionando a influência da Polônia na Europa Central e Oriental e reestruturando a geopolítica regional em detrimento da Alemanha.

O Conselho Europeu [decretou](#) que a importação de gás russo será proibida em todo o bloco no próximo ano, mas com períodos de carência variáveis para países com contratos de curto e longo prazo, o mais longo dos quais durará até 1º de janeiro de 2028. O Conselho [admitiu anteriormente](#) que o gás de gasoduto e o GNL combinados representaram pouco menos de um quinto das importações do bloco no ano passado. Vale mencionar também que a UE continua importando petróleo russo, inclusive indiretamente, o que se provou [igualmente escandaloso](#).

No entanto, os planos da UE de eliminar gradualmente o quinto restante de suas importações de gás da Rússia enfraquecerão ainda mais sua economia, levando à substituição por GNL dos EUA, mais caro, o que previsivelmente resultará no repasse dos custos aos consumidores. Isso também era totalmente previsível, já que a UE concordou em [comprar US\\$ 750 bilhões em energia dos EUA até 2028](#), de acordo com os termos do acordo comercial desequilibrado do verão passado, que foi avaliado [aqui](#) como tendo transformado a UE no maior estado vassalo dos EUA.

Espera-se que a Alemanha seja a mais afetada por esse desenvolvimento em termos de política interna e geoestratégia. Quanto à primeira, uma maior queda nos padrões de vida causada pelos custos do GNL americano mais caro sendo repassados aos

consumidores poderia [acelerar a ascensão da AfD](#), o que levaria a mudanças políticas significativas se eles algum dia conseguirem formar um governo. Mesmo que sejam mantidos fora do poder, essa intromissão flagrante das elites pode agravar a polarização política e as tensões associadas.

No que diz respeito à geoestratégia alemã, a Polônia, com quem a Alemanha [compete por influência](#) na Europa Central e Oriental (CEE, *Central & Eastern Europe*), está pronta para desempenhar um [papel complementar](#) no fornecimento de GNL americano à [República Tcheca e à Eslováquia](#) por meio do [terminal de Swinoujscie](#) e do terminal planejado em Gdansk. A [Ucrânia](#) também será abastecida. Esses países estão dentro da esfera de influência que a Polônia pretende [recriar após a retomada de seu status perdido de Grande Potência](#). A República Tcheca e a Eslováquia também fazem parte do Grupo de Visegrado, juntamente com a Polônia.

A Hungria também é membro e poderá ser abastecida com GNL dos EUA via Polônia ou pelo terminal de Krk, na Croácia, cuja [expansão](#) é um dos projetos prioritários da “[Iniciativa dos Três Mares](#)” (3SI, *Three Sea Initiative*), que Polônia e Croácia cofundaram em 2015, mas que agora é liderada por Varsóvia. Embora a Alemanha tenha muito mais influência na CEE por ser a líder de fato da UE e ostentar a maior economia, a influência da Polônia sobre eles está aumentando devido ao seu futuro papel no fornecimento de GNL dos EUA, o que pode afastá-los de Berlim um dia.

A geopolítica energética desempenha um papel significativo na geoestratégia, portanto, o impacto da tendência mencionada não deve ser subestimado se ela continuar a se desenvolver. Nesse caso, a tendência geral seria o provável declínio da influência alemã sobre a CEE, amplamente facilitado pela participação voluntária da Alemanha no regime de sanções antirrussas dos EUA e, posteriormente, pelo [ataque terrorista ao Nord Stream](#), que a empurrou para além do ponto sem retorno. Em retrospectiva, isso pode ser visto como o início de uma nova ordem regional na CEE.

Enquanto a Alemanha acreditava que infligiria uma derrota estratégica à Rússia, os EUA acabaram infligindo uma derrota estratégica à Alemanha ao arquitetar as circunstâncias em que a economia de seu único concorrente ocidental entraria em [declínio](#). Juntamente com a Polônia, cujo renascimento do *status* de Grande Potência, apoiado pelos anglo-americanos, convenientemente cria uma cunha regional entre a Alemanha e a Rússia, os EUA estão reestruturando geoestrategicamente a Europa às custas da Alemanha, a fim de facilitar a contenção da Rússia pós-Ucrânia.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
